

DEPOIS DA ÚLTIMA SIRENE

Um romance de terror, zumbis e fim do mundo

JVA Editora

Capítulo 1 — A Última Sirene

O surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Helena observou a escola municipal e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Uma chuva fina que parecia cinza, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a escola municipal, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Lívia. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Davi observou o supermercado saqueado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um vento frio carregado de fuligem, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o supermercado saqueado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Lívia observou o posto de gasolina e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o posto de gasolina, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Samuel observou a igreja de tijolos vermelhos e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos abrir uma rota de fuga, fazemos agora”, disse Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistam as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a igreja de tijolos vermelhos, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Samuel. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Nina observou a estrada de serra e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estrada de serra, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Mateus observou a fazenda cercada e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a fazenda cercada, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Helena observou a antiga fábrica e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Livia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a antiga fábrica, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Livia. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Davi observou o estacionamento do hospital e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha

acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o estacionamento do hospital, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Lívia observou a estação rodoviária e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos decidir para onde partir, fazemos agora”, disse Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estação rodoviária, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se

separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Livia. Livia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Livia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Samuel observou a estrada de serra e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o surto começa em Florianópolis e um pequeno grupo percebe que a violência não é tumulto comum. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Livia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estrada de serra, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Samuel. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 2 — Quarentena Quebrada

As autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Mateus observou a fazenda cercada e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de

fuligem, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos encontrar combustível, fazemos agora”, disse Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a fazenda cercada, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Helena observou a antiga fábrica e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a antiga fábrica, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e

desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Davi observou o estacionamento do hospital e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perderem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos garantir água, fazemos agora”, disse Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o estacionamento do hospital, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Lívia. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Lívia observou a estação rodoviária e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era

simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Livia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Livia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Livia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estação rodoviária, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Livia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Nina. Livia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Livia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Samuel observou a ponte sobre o rio e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um céu limpo demais para o fim do mundo, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a ponte sobre o rio, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e

desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Samuel. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Havia dias em que sobreviver parecia uma profissão sem descanso. Nina observou o condomínio abandonado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o condomínio abandonado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Lívia. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Mateus observou o depósito ferroviário e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o arrastar de muitos pés

sobre concreto; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos proteger o abrigo, fazemos agora”, disse Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o depósito ferroviário, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Nina. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Helena observou o túnel de manutenção e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um céu limpo demais para o fim do mundo, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o túnel de manutenção, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Davi observou o reservatório de água e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o reservatório de água, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Lívia observou a ponte sobre o rio e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de as autoridades perdem o controle; hospitais e avenidas viram armadilhas. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a ponte sobre o rio, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 3 — Estrada para o Interior

O grupo deixa a cidade e descobre que as rodovias são corredores de mortos.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Nina observou o condomínio abandonado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o grupo deixa a cidade e descobre que as rodovias são corredores de mortos. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou,

voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o condomínio abandonado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Mateus observou o depósito ferroviário e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um céu limpo demais para o fim do mundo, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o grupo deixa a cidade e descobre que as rodovias são corredores de mortos. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos resgatar dois sobreviventes, fazemos agora”, disse Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o depósito ferroviário, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”,

respondeu Livia. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Helena observou o túnel de manutenção e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o grupo deixa a cidade e descobre que as rodovias são corredores de mortos. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos garantir água, fazemos agora”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o túnel de manutenção, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Nina. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Davi observou o reservatório de água e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o grupo deixa a cidade e descobre que as rodovias são corredores de mortos. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos abrir

uma rota de fuga, fazemos agora”, disse Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o reservatório de água, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Lívia observou o viaduto da zona norte e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o grupo deixa a cidade e descobre que as rodovias são corredores de mortos. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o viaduto da zona norte, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se

separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Livia. Livia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Livia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Samuel observou a escola municipal e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o grupo deixa a cidade e descobre que as rodovias são corredores de mortos. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a escola municipal, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Samuel. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Nina observou o supermercado saqueado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o grupo deixar a cidade e descobrir que as rodovias são corredores de mortos. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contaram munição antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o supermercado saqueado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Mateus observou o posto de gasolina e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Uma tempestade distante riscando o horizonte, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o grupo deixar a cidade e descobrir que as rodovias são corredores de mortos. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o posto de gasolina, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Livia. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Helena observou a igreja de tijolos vermelhos e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Uma chuva fina que parecia cinza, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o grupo deixar a cidade e descobrir que as rodovias são corredores de mortos. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a igreja de tijolos vermelhos, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Davi observou o viaduto da zona norte e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Uma tempestade distante riscando o horizonte, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era

simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o grupo deixa a cidade e descobre que as rodovias são corredores de mortos. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o viaduto da zona norte, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 4 — A Fazenda dos Vivos

Uma comunidade rural oferece abrigo, mas cobra obediência absoluta.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Samuel observou a escola municipal e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um vento frio carregado de fuligem, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma comunidade rural oferece abrigo, mas cobra obediência absoluta. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos encontrar combustível, fazemos agora”, disse Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a escola municipal, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e

desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Samuel. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Nina observou o supermercado saqueado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma comunidade rural oferece abrigo, mas cobra obediência absoluta. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o supermercado saqueado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Mateus observou o posto de gasolina e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim

do mundo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma comunidade rural oferece abrigo, mas cobra obediência absoluta. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o posto de gasolina, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Helena observou a igreja de tijolos vermelhos e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma comunidade rural oferece abrigo, mas cobra obediência absoluta. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos abrir uma rota de fuga, fazemos agora”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a igreja de tijolos vermelhos, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Lívia. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Davi observou a estrada de serra e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um vento frio carregado de fuligem, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma comunidade rural oferece abrigo, mas cobra obediência absoluta. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistam as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estrada de serra, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Havia dias em que sobreviver parecia uma profissão sem descanso. Lívia observou a fazenda cercada e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma comunidade rural oferece abrigo, mas cobra obediência absoluta. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a fazenda cercada, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Helena. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Samuel observou a antiga fábrica e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma comunidade rural oferece abrigo, mas cobra obediência absoluta. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo.

Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a antiga fábrica, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Lívia. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Nina observou o estacionamento do hospital e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma comunidade rural oferece abrigo, mas cobra obediência absoluta. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o estacionamento do hospital, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma

decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Mateus observou a estação rodoviária e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma comunidade rural oferece abrigo, mas cobra obediência absoluta. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estação rodoviária, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Havia dias em que sobreviver parecia uma profissão sem descanso. Helena observou a estrada de serra e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma comunidade rural oferece abrigo, mas cobra obediência absoluta. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Livia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estrada de serra, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 5 — Fome

Alimentos acabam e a necessidade força expedições cada vez mais arriscadas.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Lívia observou a fazenda cercada e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de alimentos acabam e a necessidade força expedições cada vez mais arriscadas. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a fazenda cercada, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz

alta”, disse Livia. Livia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Livia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Samuel observou a antiga fábrica e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de alimentos acabam e a necessidade força expedições cada vez mais arriscadas. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a antiga fábrica, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Samuel. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Havia dias em que sobreviver parecia uma profissão sem descanso. Nina observou o estacionamento do hospital e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de alimentos acabam e a necessidade força expedições cada vez mais arriscadas. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos garantir água, fazemos agora”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o estacionamento do hospital, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Livia. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Mateus observou a estação rodoviária e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um céu limpo demais para o fim do mundo, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de alimentos acabam e a necessidade força expedições cada vez mais arriscadas. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estação rodoviária, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Helena observou a ponte sobre o rio e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de alimentos acabam e a necessidade força expedições cada vez mais arriscadas. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a ponte sobre o rio, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Davi observou o condomínio abandonado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de alimentos acabam e a necessidade força expedições cada vez mais arriscadas. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais

uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o condomínio abandonado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Lívia. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Lívia observou o depósito ferroviário e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um céu limpo demais para o fim do mundo, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de alimentos acabam e a necessidade força expedições cada vez mais arriscadas. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o depósito ferroviário, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se

separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Nina. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Samuel observou o túnel de manutenção e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de alimentos acabam e a necessidade força expedições cada vez mais arriscadas. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos achar comida, fazemos agora”, disse Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o túnel de manutenção, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Samuel. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Nina observou o reservatório de água e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de alimentos acabam e a necessidade força expedições cada vez mais arriscadas. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já

não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o reservatório de água, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Lívia. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Havia dias em que sobreviver parecia uma profissão sem descanso. Mateus observou a ponte sobre o rio e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um vento frio carregado de fuligem, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de alimentos acabam e a necessidade força expedições cada vez mais arriscadas. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos buscar remédios, fazemos agora”, disse Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a ponte sobre o rio, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por

último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 6 — A Cidade Silenciosa

Os sobreviventes voltam a uma cidade abandonada em busca de antibióticos e combustível.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Davi observou o condomínio abandonado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes voltam a uma cidade abandonada em busca de antibióticos e combustível. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o condomínio abandonado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Havia dias em que sobreviver parecia uma profissão sem descanso. Livia observou o depósito ferroviário e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com

um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes voltam a uma cidade abandonada em busca de antibióticos e combustível. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o depósito ferroviário, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Samuel observou o túnel de manutenção e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes voltam a uma cidade abandonada em busca de antibióticos e combustível. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o túnel de manutenção, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e

desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Nina observou o reservatório de água e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um vento frio carregado de fuligem, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes voltam a uma cidade abandonada em busca de antibióticos e combustível. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o reservatório de água, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Mateus observou o viaduto da zona norte e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes voltam a uma cidade abandonada em busca de antibióticos e combustível. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos recuperar ferramentas, fazemos agora”, disse Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o viaduto da zona norte, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Havia dias em que sobreviver parecia uma profissão sem descanso. Helena observou a escola municipal e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes voltam a uma cidade abandonada em busca de antibióticos e combustível. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo.

Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a escola municipal, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Nina. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Davi observou o supermercado saqueado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes voltam a uma cidade abandonada em busca de antibióticos e combustível. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o supermercado saqueado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma

decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Lívia observou o posto de gasolina e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes voltam a uma cidade abandonada em busca de antibióticos e combustível. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o posto de gasolina, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Samuel observou a igreja de tijolos vermelhos e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes voltam a uma cidade abandonada em busca de antibióticos e combustível. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos decidir para onde partir, fazemos agora”, disse Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel

parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a igreja de tijolos vermelhos, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Nina observou o viaduto da zona norte e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes voltam a uma cidade abandonada em busca de antibióticos e combustível. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o viaduto da zona norte, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Helena.

Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 7 — Os Que Ainda Mandam

Um grupo armado tenta construir poder sobre os refugiados.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Helena observou a escola municipal e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de um grupo armado tenta construir poder sobre os refugiados. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos encontrar combustível, fazemos agora”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a escola municipal, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Davi observou o supermercado saqueado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de um grupo armado tenta construir poder sobre os refugiados. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali

para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o supermercado saqueado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Lívia observou o posto de gasolina e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um céu limpo demais para o fim do mundo, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de um grupo armado tenta construir poder sobre os refugiados. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o posto de gasolina, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Helena. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Samuel observou a igreja de tijolos vermelhos e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de um grupo armado tenta construir poder sobre os refugiados. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos abrir uma rota de fuga, fazemos agora”, disse Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a igreja de tijolos vermelhos, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Lívia. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Nina observou a estrada de serra e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de um grupo armado tenta construir poder sobre os refugiados. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali

para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos recuperar ferramentas, fazemos agora”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estrada de serra, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Mateus observou a fazenda cercada e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de um grupo armado tenta construir poder sobre os refugiados. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a fazenda cercada, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena

ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Helena observou a antiga fábrica e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de um grupo armado tenta construir poder sobre os refugiados. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos proteger o abrigo, fazemos agora”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a antiga fábrica, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Livia. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Davi observou o estacionamento do hospital e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de um grupo armado tenta construir poder sobre os refugiados. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o estacionamento do hospital, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Nina. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Lívia observou a estação rodoviária e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de um grupo armado tenta construir poder sobre os refugiados. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estação rodoviária, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por

último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Samuel observou a estrada de serra e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de um grupo armado tenta construir poder sobre os refugiados. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estrada de serra, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Lívia. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 8 — Inverno dos Mortos

O frio reduz os infectados, mas transforma abrigo, calor e comida em armas políticas.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Mateus observou a fazenda cercada e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era

simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o frio reduz os infectados, mas transforma abrigo, calor e comida em armas políticas. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a fazenda cercada, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Helena observou a antiga fábrica e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um céu limpo demais para o fim do mundo, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o frio reduz os infectados, mas transforma abrigo, calor e comida em armas políticas. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a antiga fábrica, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e

desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Davi observou o estacionamento do hospital e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o frio reduz os infectados, mas transforma abrigo, calor e comida em armas políticas. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o estacionamento do hospital, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Lívia. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Lívia observou a estação rodoviária e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o

asfalto exalar óleo, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o frio reduz os infectados, mas transforma abrigo, calor e comida em armas políticas. Para Livia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Livia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Livia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Livia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estação rodoviária, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Livia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Nina. Livia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Livia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Samuel observou a ponte sobre o rio e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o frio reduz os infectados, mas transforma abrigo, calor e comida em armas políticas. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a ponte sobre o rio, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Helena. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Nina observou o condomínio abandonado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um céu limpo demais para o fim do mundo, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o frio reduz os infectados, mas transforma abrigo, calor e comida em armas políticas. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos confirmar uma transmissão, fazemos agora”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o condomínio abandonado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Mateus observou o depósito ferroviário e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o frio reduz os infectados, mas transforma abrigo, calor e comida em armas políticas. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o depósito ferroviário, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Helena observou o túnel de manutenção e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o frio reduz os infectados, mas transforma abrigo, calor e comida em armas políticas. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o túnel de manutenção, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Davi observou o reservatório de água e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o frio reduz os infectados, mas transforma abrigo, calor e comida em armas políticas. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o reservatório de água, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Lívia. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Lívia observou a ponte sobre o rio e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de o frio reduz os infectados, mas transforma abrigo, calor e comida em armas políticas. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a ponte sobre o rio, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 9 — A Febre

Uma nova variante ameaça tornar inúteis as regras aprendidas até então.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Nina observou o condomínio abandonado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma nova variante ameaça tornar inúteis as regras aprendidas até então. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais

uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o condomínio abandonado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Mateus observou o depósito ferroviário e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma nova variante ameaça tornar inúteis as regras aprendidas até então. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Livia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o depósito ferroviário, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Helena observou o túnel de manutenção e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma nova variante ameaça tornar inúteis as regras aprendidas até então. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos garantir água, fazemos agora”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o túnel de manutenção, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Davi observou o reservatório de água e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma nova variante ameaça tornar inúteis as regras aprendidas até então. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero

coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o reservatório de água, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Lívia observou o viaduto da zona norte e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um vento frio carregado de fuligem, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma nova variante ameaça tornar inúteis as regras aprendidas até então. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos recuperar ferramentas, fazemos agora”, disse Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o viaduto da zona norte, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último,

verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Samuel observou a escola municipal e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma nova variante ameaça tornar inúteis as regras aprendidas até então. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos confirmar uma transmissão, fazemos agora”, disse Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a escola municipal, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Nina. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Nina observou o supermercado saqueado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma nova variante ameaça tornar inúteis as regras aprendidas até então. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o supermercado saqueado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Mateus observou o posto de gasolina e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma nova variante ameaça tornar inúteis as regras aprendidas até então. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o posto de gasolina, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Helena observou a igreja de tijolos vermelhos e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma nova variante ameaça tornar inúteis as regras aprendidas até então. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a igreja de tijolos vermelhos, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Davi observou o viaduto da zona norte e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com o estalo de

disparos isolados; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma nova variante ameaça tornar inúteis as regras aprendidas até então. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos buscar remédios, fazemos agora”, disse Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o viaduto da zona norte, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Helena. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 10 — Rádio Horizonte

Uma transmissão anuncia uma zona segura no sul e reacende a esperança.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Samuel observou a escola municipal e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma transmissão anuncia uma zona segura no sul e reacende a esperança. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo.

Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a escola municipal, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Samuel. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Nina observou o supermercado saqueado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma transmissão anuncia uma zona segura no sul e reacende a esperança. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o supermercado saqueado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Mateus observou o posto de gasolina e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma transmissão anuncia uma zona segura no sul e reacende a esperança. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistam as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o posto de gasolina, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Helena. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Helena observou a igreja de tijolos vermelhos e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma transmissão anuncia uma zona segura no sul e reacende a esperança. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois

passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a igreja de tijolos vermelhos, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Davi observou a estrada de serra e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma transmissão anuncia uma zona segura no sul e reacende a esperança. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos recuperar ferramentas, fazemos agora”, disse Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estrada de serra, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Lívia observou a fazenda cercada e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma transmissão anuncia uma zona segura no sul e reacende a esperança. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a fazenda cercada, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Havia dias em que sobreviver parecia uma profissão sem descanso. Samuel observou a antiga fábrica e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma transmissão anuncia uma zona segura no sul e reacende a esperança. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou,

voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a antiga fábrica, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Samuel. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Nina observou o estacionamento do hospital e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma transmissão anuncia uma zona segura no sul e reacende a esperança. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o estacionamento do hospital, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Nina. Nina

percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Mateus observou a estação rodoviária e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma transmissão anuncia uma zona segura no sul e reacende a esperança. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos decidir para onde partir, fazemos agora”, disse Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estação rodoviária, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Helena. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Helena observou a estrada de serra e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma transmissão anuncia uma zona segura no sul e reacende a esperança. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero

coragem. Quero um plano”, respondeu Livia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estrada de serra, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Livia. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 11 — A Marcha

Centenas de sobreviventes seguem juntos e atraem uma horda inimaginável.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Livia observou a fazenda cercada e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de centenas de sobreviventes seguem juntos e atraem uma horda inimaginável. Para Livia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Livia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Livia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a fazenda cercada, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Livia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se

separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Livia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Livia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Samuel observou a antiga fábrica e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de centenas de sobreviventes seguem juntos e atraem uma horda inimaginável. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos resgatar dois sobreviventes, fazemos agora”, disse Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a antiga fábrica, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Helena. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Nina observou o estacionamento do hospital e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de centenas de sobreviventes seguem juntos e atraem uma horda inimaginável. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o estacionamento do hospital, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Lívia. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Mateus observou a estação rodoviária e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de centenas de sobreviventes seguem juntos e atraem uma horda inimaginável. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estação rodoviária, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e

desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Helena observou a ponte sobre o rio e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um vento frio carregado de fuligem, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de centenas de sobreviventes seguem juntos e atraem uma horda inimaginável. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos recuperar ferramentas, fazemos agora”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a ponte sobre o rio, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Davi observou o condomínio abandonado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de centenas de sobreviventes seguem juntos e atraem uma horda inimaginável. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o condomínio abandonado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Lívia. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Lívia observou o depósito ferroviário e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de centenas de sobreviventes seguem juntos e atraem uma horda inimaginável. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos proteger o abrigo, fazemos agora”, disse Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o depósito ferroviário, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Livia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Nina. Livia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Livia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Samuel observou o túnel de manutenção e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Uma chuva fina que parecia cinza, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de centenas de sobreviventes seguem juntos e atraem uma horda inimaginável. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o túnel de manutenção, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Samuel. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Nina observou o reservatório de água e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de centenas de sobreviventes seguem juntos e atraem uma horda inimaginável. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Livia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o reservatório de água, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Mateus observou a ponte sobre o rio e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de centenas de sobreviventes seguem juntos e atraem uma horda inimaginável. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos buscar remédios, fazemos agora”, disse Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo.

Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a ponte sobre o rio, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 12 — Cerco

A comunidade final é cercada; os vivos precisam escolher o que abandonar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Davi observou o condomínio abandonado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um céu limpo demais para o fim do mundo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a comunidade final é cercada; os vivos precisam escolher o que abandonar. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o condomínio abandonado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Helena.

Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Lívia observou o depósito ferroviário e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a comunidade final é cercada; os vivos precisam escolher o que abandonar. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o depósito ferroviário, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Samuel observou o túnel de manutenção e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a comunidade final é cercada; os vivos precisam escolher o que abandonar. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o túnel de manutenção, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Nina observou o reservatório de água e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Uma tempestade distante riscando o horizonte, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de que a comunidade final é cercada; os vivos precisam escolher o que abandonar. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o reservatório de água, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Nina. Nina

percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Mateus observou o viaduto da zona norte e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a comunidade final é cercada; os vivos precisam escolher o que abandonar. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o viaduto da zona norte, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Helena observou a escola municipal e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a comunidade final é cercada; os vivos precisam escolher o que abandonar. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero

coragem. Quero um plano”, respondeu Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a escola municipal, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Havia dias em que sobreviver parecia uma profissão sem descanso. Davi observou o supermercado saqueado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a comunidade final é cercada; os vivos precisam escolher o que abandonar. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o supermercado saqueado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se

separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Helena. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Lívia observou o posto de gasolina e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a comunidade final é cercada; os vivos precisam escolher o que abandonar. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos achar comida, fazemos agora”, disse Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o posto de gasolina, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Samuel observou a igreja de tijolos vermelhos e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a comunidade final é cercada; os vivos precisam escolher o que abandonar. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a igreja de tijolos vermelhos, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Havia dias em que sobreviver parecia uma profissão sem descanso. Nina observou o viaduto da zona norte e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a comunidade final é cercada; os vivos precisam escolher o que abandonar. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o viaduto da zona norte, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Helena. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 13 — A Noite Mais Longa

A defesa desmorona e cada personagem enfrenta perdas definitivas.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Helena observou a escola municipal e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a defesa desmorona e cada personagem enfrenta perdas definitivas. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Livia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a escola municipal, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Livia. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Havia dias em que sobreviver parecia uma profissão sem descanso. Davi observou o supermercado saqueado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a defesa desmorona e cada personagem enfrenta perdas definitivas. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o supermercado saqueado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Lívia observou o posto de gasolina e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a defesa desmorona e cada personagem enfrenta perdas definitivas. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo.

Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o posto de gasolina, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Samuel observou a igreja de tijolos vermelhos e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a defesa desmorona e cada personagem enfrenta perdas definitivas. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a igreja de tijolos vermelhos, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Lívia. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma

decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Nina observou a estrada de serra e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a defesa desmorona e cada personagem enfrenta perdas definitivas. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estrada de serra, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Mateus observou a fazenda cercada e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a defesa desmorona e cada personagem enfrenta perdas definitivas. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a fazenda cercada, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Helena. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O silêncio chegou antes do perigo. Helena observou a antiga fábrica e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Uma chuva fina que parecia cinza, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um fermento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a defesa desmorona e cada personagem enfrenta perdas definitivas. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Livia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistam as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a antiga fábrica, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma

decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Davi observou o estacionamento do hospital e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a defesa desmorona e cada personagem enfrenta perdas definitivas. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o estacionamento do hospital, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Havia dias em que sobreviver parecia uma profissão sem descanso. Lívia observou a estação rodoviária e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a defesa desmorona e cada personagem enfrenta perdas definitivas. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Livia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estação rodoviária, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Livia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Helena. Livia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Livia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Samuel observou a estrada de serra e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de a defesa desmoronar e cada personagem enfrenta perdas definitivas. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estrada de serra, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Livia. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 14 — Depois do Fogo

Os sobreviventes aprendem que vencer uma batalha não significa recuperar o mundo.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Mateus observou a fazenda cercada e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes aprendem que vencer uma batalha não significa recuperar o mundo. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles revistou as entradas antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a fazenda cercada, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Mateus. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Helena observou a antiga fábrica e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes aprendem que vencer uma batalha não significa recuperar o mundo. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não

existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a antiga fábrica, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Davi observou o estacionamento do hospital e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes aprendem que vencer uma batalha não significa recuperar o mundo. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram marcas de pneus recentes. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o estacionamento do hospital, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Livia. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Livia observou a estação rodoviária e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes aprendem que vencer uma batalha não significa recuperar o mundo. Para Livia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos abrir uma rota de fuga, fazemos agora”, disse Livia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Livia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Livia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a estação rodoviária, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Livia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Livia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Livia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Samuel observou a ponte sobre o rio e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um vento frio carregado de fuligem, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes aprendem que vencer uma batalha não significa recuperar o mundo. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se

vamos recuperar ferramentas, fazemos agora”, disse Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a ponte sobre o rio, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Helena. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Nina observou o condomínio abandonado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um calor imóvel que fazia o asfalto exalar óleo, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a terra molhada e lixo fermentado. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes aprendem que vencer uma batalha não significa recuperar o mundo. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o condomínio abandonado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por

último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

O mapa sobre a mesa já tinha mais riscos do que estradas. Mateus observou o depósito ferroviário e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes aprendem que vencer uma batalha não significa recuperar o mundo. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos proteger o abrigo, fazemos agora”, disse Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o depósito ferroviário, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Helena observou o túnel de manutenção e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes aprendem que vencer uma batalha não significa recuperar o mundo. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos achar comida, fazemos agora”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles trancou uma porta com corrente antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que um dos portões tinha sido aberto por dentro.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o túnel de manutenção, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Helena. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Davi observou o reservatório de água e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. um céu limpo demais para o fim do mundo, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes aprendem que vencer uma batalha não significa recuperar o mundo. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles escutou o rádio de emergência antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o reservatório de água, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e

desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Ninguém fica para trás sem dizer isso em voz alta”, disse Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Lívia observou a ponte sobre o rio e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Uma chuva fina que parecia cinza, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de os sobreviventes aprenderem que vencer uma batalha não significa recuperar o mundo. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a ponte sobre o rio, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Capítulo 15 — Amanhã

Uma pequena cidade começa a renascer, sabendo que os mortos ainda estão lá fora.

A notícia correu pelo grupo em sussurros, como se falar alto pudesse torná-la pior. Nina observou o condomínio abandonado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com cães latindo sem resposta; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: encontrar combustível. Na prática, havia um infectado preso atrás de uma porta, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma pequena cidade começa a renascer, sabendo que os mortos ainda estão lá fora. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos encontrar combustível, fazemos agora”, disse Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o condomínio abandonado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Nina. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Mateus observou o depósito ferroviário e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: resgatar dois sobreviventes. Na prática, havia um grupo de saqueadores observando de longe, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma pequena cidade começa a renascer, sabendo que os mortos ainda estão lá fora. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e

examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Livia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o depósito ferroviário, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Livia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Livia. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Helena observou o túnel de manutenção e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com vidros quebrando em algum quarteirão; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: garantir água. Na prática, havia uma ponte tomada por carros, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma pequena cidade começa a renascer, sabendo que os mortos ainda estão lá fora. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles improvisou uma barricada antes de avançar. No caminho, encontraram pegadas humanas misturadas às dos mortos. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o túnel de manutenção, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A cada passo, o plano parecia menos elegante e mais necessário. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina.

Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Quando a porta se fechou, o mundo do lado de fora pareceu ficar mais distante. Davi observou o reservatório de água e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma neblina baixa e amarelada, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a pólvora, suor e remédio. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: abrir uma rota de fuga. Na prática, havia um rádio transmitindo coordenadas contraditórias, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma pequena cidade começa a renascer, sabendo que os mortos ainda estão lá fora. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Não existe rota segura. Existe a menos ruim”, disse Helena. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles distribuiu água antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que a água armazenada não duraria três dias.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o reservatório de água, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Eles entenderam que a segurança era apenas uma pausa entre perigos. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Helena. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Lívia observou o viaduto da zona norte e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: recuperar ferramentas. Na prática, havia uma criança desaparecida, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma pequena cidade começa a renascer, sabendo que os mortos ainda estão lá fora. Para Lívia, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Lívia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Lívia. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram uma pulseira hospitalar ainda presa a um pulso. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Lívia parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Lívia respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o viaduto da zona norte, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Lívia escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Lívia. Lívia percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Lívia registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Naquele ponto, ninguém ainda chamava aquilo de esperança. Samuel observou a escola municipal e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma chuva fina que parecia cinza, com um gerador tossindo combustível; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: confirmar uma transmissão. Na prática, havia um incêndio se aproximando, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma pequena cidade começa a renascer, sabendo que os mortos ainda estão lá fora. Para Samuel, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Samuel. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Samuel parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que havia munição escondida sob o piso.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Samuel respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a escola municipal, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Samuel escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Nina. Samuel percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Samuel registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ninguém dormira o suficiente para confiar no próprio medo. Nina observou o supermercado saqueado e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a diesel, mofo e água parada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: proteger o abrigo. Na prática, havia um ferimento que precisava de antibiótico, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma pequena cidade começa a renascer, sabendo que os mortos ainda estão lá fora. Para Nina, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles contou munição antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Nina parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Nina respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o supermercado saqueado, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

O problema era que o tempo sempre parecia pertencer ao inimigo. O plano mudou em movimento. Nina escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Helena. Nina percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Nina registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A regra mais importante havia mudado outra vez. Mateus observou o posto de gasolina e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. uma tempestade distante riscando o horizonte, com sirenes morrendo ao longe; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: achar comida. Na prática, havia um reservatório quase vazio, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma pequena cidade começa a renascer, sabendo que os mortos ainda estão lá fora. Para Mateus, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Livia percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se

esperarmos mais uma hora, perdemos a escolha”, murmurou Mateus. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram uma frequência anotada a caneta numa parede. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Mateus parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que os infectados reagiam a som repetitivo.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Lívia argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Mateus respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o posto de gasolina, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Foi quando o detalhe mais pequeno passou a importar. O plano mudou em movimento. Mateus escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Lívia ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Voltar também é uma decisão”, disse Lívia. Mateus percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Mateus registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

A manhã começou com uma escolha que ninguém queria fazer. Helena observou a igreja de tijolos vermelhos e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um céu limpo demais para o fim do mundo, com o arrastar de muitos pés sobre concreto; o ar cheirava a cloro, sangue seco e plástico. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: decidir para onde partir. Na prática, havia uma discussão sobre quem poderia entrar no abrigo, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma pequena cidade começa a renascer, sabendo que os mortos ainda estão lá fora. Para Helena, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Nina percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Eu não quero coragem. Quero um plano”, respondeu Nina. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles marcou uma rota no mapa antes de avançar. No caminho, encontraram latas organizadas demais para terem sido abandonadas. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Helena parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que o caminho indicado no rádio passava por uma área militar.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Nina argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Helena respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu a igreja de tijolos vermelhos, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

Ainda assim, o grupo avançou. O plano mudou em movimento. Helena escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Nina ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “O medo pode vir. Só não pode dirigir”, respondeu Nina. Helena percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Helena registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Durante alguns minutos, tudo pareceu normal, e foi isso que assustou mais. Davi observou o viaduto da zona norte e tentou separar o que era ameaça do que era apenas ruína. Um vento frio carregado de fuligem, com o estalo de disparos isolados; o ar cheirava a fumaça, ferrugem e carne queimada. A missão daquele trecho era simples apenas quando escrita: buscar remédios. Na prática, havia uma horda bloqueando a retirada, e qualquer erro podia custar mais do que o grupo tinha condições de perder.

O capítulo seguia a lógica de uma pequena cidade começa a renascer, sabendo que os mortos ainda estão lá fora. Para Davi, porém, a grande questão era pessoal: cada escolha vinha acompanhada da lembrança de quem já não estava ali para opinar. Helena percebeu a hesitação e se aproximou sem fazer discurso. “Se vamos buscar remédios, fazemos agora”, disse Davi. A frase não trouxe conforto, mas transformou o medo em tarefa.

Eles procurou pegadas antes de avançar. No caminho, encontraram um desenho infantil colado numa janela. O detalhe parecia banal, mas não combinava com o restante do cenário. Davi parou, voltou dois passos e examinou tudo outra vez. Foi assim que percebeu que alguém havia usado o local poucas horas antes.

A descoberta dividiu o grupo. Alguns queriam recuar; outros defendiam seguir até o fim. Helena argumentou que sobreviver não podia significar abandonar toda oportunidade de compreender o inimigo. Davi respondeu que compreender não servia de nada se ninguém voltasse vivo para contar. A discussão terminou quando um ruído curto percorreu o viaduto da zona norte, preciso demais para ser acidente.

Um dos infectados surgiu primeiro, tropeçando entre destroços, e outros vieram atrás como água escapando por uma rachadura. O grupo recuou em silêncio até a posição combinada, usando portas, móveis e desníveis para quebrar a linha da horda. Não havia heroísmo naquele movimento, apenas treinamento improvisado pela repetição do horror.

A decisão não encerrou a discussão; apenas deu a ela um prazo. O plano mudou em movimento. Davi escolheu uma passagem que não estava no mapa e assumiu a responsabilidade pela decisão. Helena ficou por último, verificando se ninguém se separava. O percurso cobrou seu preço em cortes, cansaço e tensão, mas abriu uma vantagem inesperada: por alguns minutos, eles puderam agir sem serem vistos.

Foi nesse intervalo que alcançaram o objetivo imediato. O resultado não resolveu a crise, mas devolveu ao grupo algo concreto: informação, recurso ou possibilidade. “Então voltamos juntos”, respondeu Davi. Davi percebeu que a frase serviria tanto como promessa quanto como advertência. Naquele mundo, ninguém podia garantir o amanhã; podiam apenas decidir quem seriam até o fim daquele dia.

Quando retornaram, a comunidade recebeu a notícia em silêncio. Havia alívio, mas também novas perguntas. O que tinham encontrado alterava o equilíbrio das próximas horas e empurrava todos para uma decisão maior, aquela que conduziria à cena seguinte. Davi registrou no mapa o novo risco e, ao lado dele, uma única palavra: continuar.

Ao amanhecer, Helena voltou ao mirante improvisado sobre o telhado da escola e viu fumaça subindo em pontos distantes, mas também três colunas finas de vapor onde antes não havia nada. Eram fogões, não incêndios. Gente viva. Davi trouxe o rádio e, depois de alguns minutos de estática, uma voz respondeu com coordenadas e uma frase simples: ainda estamos aqui. Ninguém comemorou de imediato. Depois de tudo,

esperança também precisava ser tratada com cautela. Mesmo assim, Livia abriu o mapa sobre uma carteira e marcou os novos sinais com lápis azul. Pela primeira vez em meses, o desenho não parecia apenas um registro de perdas; parecia o começo de uma rede.

Naquela tarde, os sobreviventes consertaram o portão, enterraram os mortos e dividiram sementes para a próxima estação. As crianças receberam uma sala só para elas, com livros resgatados de casas vazias e uma regra que Nina insistiu em escrever no quadro: aprender também é sobreviver. Quando a noite chegou, a sirene permaneceu muda. Helena percebeu que não sentia falta do som. O silêncio já não significava abandono. Ao redor dela havia passos, conversas, ferramentas batendo, água fervendo e alguém rindo baixo no corredor. O mundo antigo tinha terminado, mas aquilo que vinha depois não precisava ser apenas ruína. Enquanto houvesse gente disposta a proteger, plantar, ensinar e lembrar, o fim continuaria sendo apenas uma palavra usada por quem desistira cedo demais.